

JOE ROSENBLUM
COM DAVID KOHN

O CARTEIRO
DE AUSCHWITZ

*Só aqueles que mantêm a esperança
são capazes de resistir*

Prefácio de
David A. Hackett

Tradução de
Inês Silveira

alma
dos
livros

Capítulo Um

AS ÁRVORES DA MÃE ESTÃO DESPIDAS

As árvores de fruto da minha mãe disseram-nos que a vida como a conhecíamos estava a desmoronar-se. Em setembro de 1939, durante três semanas, eu e a minha mãe permanecíamos horas a fio no topo de uma colina olhando os quilómetros de pomares: maçãs, ameixas, peras, e muitos outros frutos, uma manta verde com tumultuosos vermelhos, roxos e amarelos nela costurados.

Eu e a minha mãe, junto com os meus irmãos, vimos enxames de braços desesperados despir as árvores da sua fruta – e com elas, o nosso conforto e a nossa esperança ganhos recentemente. Podíamos ver a fruta ser esmagada, levada, ou consumida. A maioria da minha família iria sofrer a mesma sina.

Ao início, apenas algumas pessoas apareceram, em grupos de dois e de três. Puxavam os ramos com as mãos sôfregas ou abanavam os galhos, e alqueires de fruta caíam ao chão. Em seguida, levavam a fruta em sacos, nas roupas, ou no que conseguiam encontrar.

Em breve, os refugiados chegaram em aglomerados de dez e de vinte. Depois, de centenas. Víamos os ramos das árvores cada vez mais despídos, manchados com ziguezagues brancos. E onde os ramos foram partidos e dobrados, enquanto as pessoas revolviam como um exército de formigas irregular o arame farpado. Víamos os rostos, brancos e frenéticos.

Não ficaram durante muito tempo. Se os ramos fossem baixos, dobrariam alguns e puxariam a fruta enquanto as suas mãos abanavam e tremiam. Mantinham as malas e os sacos de pertences fechados, com receio de que as suas posses fossem roubadas por quem já se tinha abastecido.

À medida que os ramos mais baixos ficavam despídos, os intrusos trepavam às árvores da minha mãe, subindo cautelosamente nos galhos para poderem abanar ou baixar os ramos para os amigos e família.

A minha mãe, Mindl Rosenblum, era uma mulher forte, tanto de corpo como de personalidade, intensamente orgulhosa de cada árvore que possuía. Ainda assim, não tentava impedir os invasores. Em vez disso, usava todos os dias um vestido elegante, como se fosse a um evento social. Na verdade, comparecia ao fim da nossa sociedade. Os alemães tinham acabado de colidir com as linhas do exército polaco. Esse facto significava que estavam a chegar, e todos nós sabíamos o que isso significava, ou pensávamos que sabíamos.

Durante essas poucas semanas, a minha mãe suportou a maior parte da destruição dos seus pomares em silêncio, vestindo todos os dias um dos seus vestidos longos e esplêndidos, com sapatos a condizer, o cabelo apinhado no alto da cabeça num penteado elaborado. Disse-nos muitas vezes que queria uma quantia pelos pomares para pagar a minha viagem e a do meu irmão para estudarmos medicina no estrangeiro. Nos dois meses antes do bombardeamento, a minha mãe embalava fruta, enquanto os seus três camiões andavam continuamente ocupados a acelerar de e para Varsóvia.

De vez em quando, olhava para mim com os seus grandes olhos castanhos entristecidos e dizia: «A vida acabou. Todos os anos de trabalho, tudo o que almejámos, foi-se. É o fim do nosso futuro, o fim do pomar, o fim do dinheiro. Vivemos uma vida boa nos últimos dois anos. Agora, só Deus sabe o que vai acontecer.»

Devido ao meu tio abastado, Yudel, todos nós tínhamos uma boa ideia de que o que iria acontecer seria desastroso.

Vivíamos em Miedzyrzec, a cerca de sessenta e quatro quilómetros da fronteira russa, perto de Brest-Litovsk. Fica também a sudeste de Varsóvia e a norte de Lublin, a cinquenta e seis quilómetros da fronteira russa e a cento e treze de Treblinka. Yudel era um homem moderno. Já em 1935, construía um rádio e um telefone. Na Polónia, só algumas pessoas em cidades da dimensão da nossa possuíam um desses luxos. Yudel tinha ambos. Não aparentava ser rico. Tinha um metro e setenta e três, com a constituição de um barril. Assemelhava-se mais a um lutador.

Fez dinheiro graças a cerdas de porco, usadas para pincéis, escovas de roupa, pentes e escovas de engraxar sapatos. Era tão iletrado que nem conseguia assinar o nome, mas estivera em toda a parte do mundo. Tinha quarenta e cinco pessoas a trabalhar para ele, e mais alguns familiares. Lançou a ideia de construir matadouros em pequenas aldeias chinesas.

Os agricultores locais iam tradicionalmente a outra cidade e pagavam para lhes esquitejarem os porcos. Yudel fazia-o sem cobrar nada, mas

ficava com as cerdas dos animais. De seguida, enviava-as para a sua fábrica na nossa cidade, onde eram tratadas, e, ato contínuo, enviadas para fábricas que as transformavam em vários tipos de escovas. Tinha clientes nos Estados Unidos, em França e Inglaterra. Eu trabalhava na fábrica de escovas depois da escola. Yudel também possuía um negócio de venda de ovos por atacado, e enviava milhares por ano para Inglaterra e até para a Alemanha.

Quando o meu pai, Samuel, e eu visitávamos Yudel aos sábados, admirávamos o seu rádio de mesa, o único na cidade. Continha tanto de fascínio quanto de ameaça. Íamos a casa de Yudel depois da sinagoga. Uma tradição de família – primeiro celebrávamos o *sabbath*, depois encontrávamo-nos na casa de Yudel. O meu pai, os meus irmãos e eu vestíamos a melhor roupa. Às vezes, a minha mãe também ia, elegante, com sapatos de salto alto e vestidos *midi* com renda, e feitos de seda. Geralmente, o vestido era ou roxo-brilhante ou vermelho-escuro. Para a ocasião, preparava peixe e doces, que levava em recipientes de vidro reluzente.

Embora poucas mulheres da família comparecessem nesses eventos, ninguém duvidada do direito da minha mãe em estar presente. Mindl, irmã mais nova de Yudel, sabia pelo menos tanto de política e negócios como qualquer homem na sala. Era também respeitada pelo seu conhecimento e habilidade, a partir dos quais fez nascer e brotar o seu empreendimento dos pomares. Entretanto, como alternativa, as minhas irmãs, Sara, Fay e Rachel, visitavam algumas amigas ou compareciam a clubes de ciências ou reuniões políticas.

Política, negócios, as idas e vindas de familiares, eram os destaques das nossas conversas de sábado. Às vezes, o meu pai contava as suas histórias sobre a Primeira Guerra Mundial, a maioria das quais já tínhamos ouvido inúmeras vezes.

Todos nos comportávamos bem, à nossa maneira. Conversávamos, bebíamos chá, comíamos bolachas e cumprimentávamos os primos e irmãos do meu pai que também viviam na cidade. As filhas de Yudel, Sara, Rachel, Shane e Liche, e os filhos, Hymie e Morris, e a mulher, Mate, vestiam-se com os melhores trajes de sinagoga e serviam-nos comida em bandejas de prata. Sentávamo-nos nas cadeiras almofadadas de Yudel e admirávamos a madeira grossa e polida dos móveis.

Os meus irmãos Hymie e Benny corriam à volta da sala, ou puxavam as orelhas do cão são-bernardo de Yudel, que suportava a algazarra melhor do que eu suportaria.

Hymie Kronhartz ia lá frequentemente. Era o filho de Sarah, irmã da minha mãe. Alto, com boas feições esculpidas, Hymie era respeitado na cidade e na família. Licenciara-se numa universidade, vivia na rua principal, e tornara-se um fotógrafo e retratista importante. O seu estúdio era visitado pelas pessoas mais ricas da cidade, que queriam a sua imagem captada pelos seus olhos e mãos hábeis.

Parávamos quando Yudel ligava o rádio. Eu ficava fascinado, tanto pelo objeto como pela fonte de notícias. Adorava falar de política, e de ouvir o rádio. Maravilhava-me como ele podia rodar apenas um botão numa caixa, surgindo vozes, em especial a de Adolf Hitler.

Ouvia os discursos de Hitler naquele rádio desde 1935. Apesar de ter catorze anos, lia há já muitos anos, por isso sabia como Hitler arrebatava um país atrás do outro. E conhecia a voz dele. Sempre que invadia mais um país, ouvíamos um discurso justificando-a.

Na cidade, também havia cinemas, por isso todos assistíramos a noticiários sobre a Noite dos Cristais (Kristallnacht) em novembro de 1938, quando, numa noite, os nazis atacaram milhares de judeus e destruíram guetos seculares por toda a Alemanha e Áustria. A nossa família viu e ouviu esses relatos, e trememos. Sabíamos que, se Hitler chegasse à Polónia, nos faria pior.

Tínhamos razão, embora a torpeza que nos esperava fosse além do que imaginávamos. Como o faríamos? Sabia pelo meu pai, Samuel, e por outros que, durante a Primeira Guerra Mundial, os alemães trataram os judeus polacos como irmãos. Desta vez, não tínhamos maneira de conhecer o ódio e a injúria que reinavam nos seus corações.

Recordo-me particularmente de ouvir o discurso de Hitler justificando a anexação da Checoslováquia em março desse ano. Já havia enviado soldados para ocupar a Renânia e anexara a Áustria. Sentia o chá de Yudel a azedar no meu estômago à medida que ouvia Hitler divagar.

Os maus tempos aproximam-se, pensei. Tivemos as nossas casas, os nossos negócios, as nossas vidas, aqui. Fomos cidadãos desta cidade durante centenas de anos. A nossa família viveu uma vida pacífica. Ainda assim, não temos para onde fugir, nem para onde ir, nenhum lugar onde sejamos bem-vindos.

Tínhamos esperança de que a Inglaterra ou França travassem a ação de Hitler. Por essa altura, todos os dias líamos a imprensa, sobre *Der Fuehrer* e os nazis. E, claro, havia os seus discursos na rádio.

Vivíamos uma vida confortável. Não existia um traço de antissemitismo na nossa cidade, contudo, sabia muito sobre Hitler. Tinha-o

aprendido pela leitura, mas ouvir os seus discursos era, na verdade, mais esclarecedor. Detetava a ameaça na voz. Pressentia o ódio nas suas palavras. Assustava-me.

Estávamos aterrorizados depois de ouvir o discurso sobre a Checoslováquia. A minha família conversou muito. Sabíamos que a Polónia estava perto do topo da lista de Hitler, e a nossa intuição de que a Inglaterra e a França não o travariam fez tremer as nossas vozes.

Na nossa cidade, moravam alguns judeus que tinham vivido sob o jugo de Hitler. No ano anterior, ele desapropriara judeus alemães cujos pais eram ambos judeus polacos e mandara-os de volta para o nosso país. Essas pessoas sobreviveram vendendo perfumes e sapatos pelas ruas. Contaram o que lhes aconteceu, e como Hitler incentivava o ódio contra o nosso povo.

A nossa família vivera muito bem nos últimos cinco anos. A nossa cidade, situada na rota entre Berlim e Moscovo, era Miedzyrzec, que significa «rodeada de rios», como de facto estava. Era uma das mais ricas da Polónia e quase exclusivamente judaica. Achávamos que ambos os factos nos favoreciam. Podem ter sido a nossa maior calamidade.

Miedzyrzec rebentava de prosperidade. Albergava dezasseis mil habitantes, dos quais apenas quatro mil não eram judeus. Tínhamos farmácias, universidades, hospital, cinemas e um teatro. E escolas religiosas para onde iam estudar judeus de toda a Europa.

A cidade estava repleta de fábricas. A maior indústria consistia em preparar cerdas para todo o mundo. Havia dezenas de fábricas, das quais uma era do tio Yudel. Tínhamos um curtume de couro e fábricas de fertilizantes e equipamento para quintas, bem como vinte padarias e o mesmo número de talhos. E um corpo de bombeiros com camiões modernos.

Além de próspera e maioritariamente judaica, segundo os olhos alemães, a minha cidade cometera outro pecado. Sabíamos o que faziam ao nosso povo na Alemanha, e odiávamo-los por isso. Em 1935 e 1936, enviaram para a nossa cidade camiões cheios de objetos seus de vidro. Fabricavam boas peças, mas se eram feitas por alemães, não lhes tocávamos. Posso apenas imaginar como a nossa atitude deve ter corroído, como ácido, o orgulho dos nazis.

Por quaisquer razões, podíamos ver os problemas a chegar. Ouvindo o rádio de Yudel e lendo os jornais, sabíamos que Hitler queria dominar Danzigue, um dos nossos portos mais importantes. Soubemos quando o Governo polaco se negou a ceder. E também quando os alemães receberam

essa recusa como desculpa para declarar a guerra. Afinal de contas, Hitler tinha um exército bem maior.

Na Polónia, recrutaram todos os homens solteiros em boa forma física e maiores de dezoito anos. O meu pai estava ainda connosco. Não foi selecionado porque já servira no exército e era casado. Faltavam-me quatro anos, por isso tinha permissão para ficar em casa. Na verdade, ninguém da minha família mais próxima foi convocado. O mais perto a que chegou foi quando o filho do nosso vizinho do lado teve de ir, tal como centenas de outros. A nossa cidade parecia mais vazia. A maioria dos homens partiu, e as mulheres e as crianças tinham de fazer o trabalho dos homens. A minha mãe, no entanto, já trabalhava nos pomares. Toda a família estava muito orgulhosa do que ela alcançara desde que comprara um pequeno pomar quatro anos antes.

Em 1935, já com seis filhos, disse ao meu pai, Samuel Rosenblum, que era a vez de ela começar um negócio. Ele não se importou. Precisávamos do dinheiro. Nós, as crianças, voluntariámo-nos para ajudar. A minha irmã Sara tornou-se costureira e administrou a casa. Fay, a mais velha, trabalhava numa fábrica de roupa interior. Rachel, Hymie, Benny e eu íamos à escola. Entretanto, a minha mãe começou a construir um império de pomares.

Tinha sucesso. A minha mãe possuía quase uma habilidade mágica para calcular a fruta que cada árvore suportaria durante o inverno até ao verão. No verão, em miúda, trabalhara com os pais em muitos pomares. Os pais não eram os proprietários, mas ela herdara a experiência de espreitar os botões, sabendo que frutas iriam brotar e quando. No primeiro ano, tinha um pomar de macieiras com mais de dois hectares – e seis vezes mais essa área três anos depois.

Em 1938, um ano antes de irmos todos juntos para o topo daquela colina, a minha mãe comprara o pomar onde nos encontrávamos. Com duzentos e dois hectares, era um dos maiores da Polónia. Estava numa localização ideal, na estrada principal entre Berlim e Moscovo.

Comprar o pomar mostrou-se difícil, mas consegui-lo foi um tributo às capacidades e ao carácter da minha mãe. O pomar pertencia a uma mulher idosa de língua afiada cujos filhos não queriam o negócio. Muitos ofereceram-lhe quantias avultadas, mas a mulher confiava apenas na minha mãe para tratar da propriedade com o respeito e o apreço que merecia.

A minha mãe tinha um encanto que toda a gente apreciava. Cresceu entre gentios polacos, falava polaco fluentemente, e era muito esperta.

Como irmã de Yudel, aprendeu muito sobre assuntos de política e negócios. Era inteligente o suficiente para conseguir o vasto financiamento de que precisava para comprar o pomar, encontrando dois sócios comanditários.

A maioria das pessoas confiava na minha mãe e na sua integridade assim que a conhecia. A sua imagem de marca era a forma elegante como se vestia. Em qualquer ocasião, a menos que fosse trabalhar para o campo, usava saltos altos e um vestido elegante. Tinha um metro e sessenta e cabelo preto abundante. Não necessitava de joias para ser atraente, embora tivesse muitas: o modo como se vestia, falava e comportava impressionavam. No entanto, para o campo, vestia-se de acordo com o trabalho duro e suado que tinha pela frente.

À medida que os bombistas alemães escureciam o céu sobre os pomares da minha mãe e os refugiados arrancavam a fruta das árvores, o seu trabalho árduo e a nova prosperidade da nossa família começaram a ruir. A guerra entre a Polónia e a Alemanha começou no verão de 1939, e as bombas alemãs choviam sobre a nossa pequena cidade. Os bombardeamentos duraram mais de duas semanas. Aglomerados de aviões atingiam-nos de todas as direções. Às vezes, quase nos sentíamos cercados pelo ar.

A nossa cidade encontrava-se na autoestrada que ligava a Alemanha à Rússia, e dezenas de milhares de pessoas fugiam em direção à fronteira russa para escaparem às bombas e aos bombardeamentos. As estradas estavam entupidas de gente a pé, em carros, de bicicleta, com sacos pequenos ou malas amarrados com corda a todas as partes concebíveis dos veículos ou deles próprios.

Jipes e camiões militares polacos, muitos com soldados com partes do corpo envoltas em ligaduras, iam também a caminho da Rússia. Os alemães sabiam que podiam apanhá-los na autoestrada, e essa passava pela minha cidade. Os alemães bombardearam-nos desde o momento em que o sol espreitou no horizonte até os últimos raios se dispersarem na noite.

O primeiro bombardeio foi um amargo de boca do que viria a seguir. Os aviões chegavam como uma matilha de animais selvagens, explodindo fábricas e autoestradas. Bombardearam a maior sinagoga, com capacidade para mais de três mil fiéis.

O meu pai, a Sara e eu não nos atrevemos a ficar em casa. Durante a primeira semana de bombardeamentos, saltámos de trincheira em trincheira à medida que vimos edifícios que conhecíamos desde sempre a estilhaçar-se. Qualquer coisa que se movesse era metralhada.

As pessoas à nossa volta eram mortas a tiro enquanto corriam ou se acoravam nas valas. Nunca tinha visto a morte. Agora, sucumbia-se com buracos de bala na cabeça, braços e pernas explodidos, partes do corpo, alguns ainda a escorrer sangue, lançados em todas as direções. Estava entorpecido e em choque. Algumas vezes, fiquei com tanto medo que urinei nas calças.

Nessa semana, vi as rugas no rosto do meu pai intensificarem-se. Ele receava por mim e pela Sara. Passados seis dias de bombardeamentos, o meu pai enfiou alguns dos nossos pertences num saco de papel. Depois, olhou para nós seriamente, tentando não demonstrar preocupação.

– Receio que, se ficarmos todos no mesmo lugar, a maioria da nossa família seja morta – disse-nos.

Mandou Rachel e Benjamin para o pomar da minha mãe. O alojamento incluía um celeiro antigo que tinha camas, um fogão pequeno e vários tachos e panelas. O modo de se viver era um pouco primitivo, mas mais seguro. Ninguém andava a bombardear as árvores da minha mãe.

Hymie e Fay já lá se encontravam. O meu pai levou-me e à Rachel com ele para nos escondermos numa cidade próxima com alguns familiares. A cidade era cercada de árvores e longe da autoestrada; portanto, ele achou que estaria relativamente a salvo. Enganava-se. As bombas desmembraram os edifícios. No dia seguinte, mandou-nos para o pomar da minha mãe.

– Vão ter com a vossa mãe ao pomar. Lá é mais seguro. Nem os alemães bombardeiam um pomar – disse.

Rachel e eu caminhámos até aos pomares da minha mãe, a cerca de dezasseis quilómetros da nossa cidade. A cada dois quilómetros, tínhamos de saltar impetuosamente para dentro das valas, de modo a evitar as balas fatais de metralhadora. Nessa noite, quando chegámos, tudo o que tinha comigo eram duas camisolas e alguns pares de calças.

Embora os alemães fossem impiedosos quanto à nossa cidade, continuámos a prestar atenção ao que acontecia na guerra apenas porque a senhora idosa ex-dona do pomar ainda vivia lá. Uma das condições impostas à minha mãe era que a vendedora podia ficar ali até a hipoteca estar paga. A minha mãe, os meus irmãos e eu juntávamo-nos na sua casa.

A mulher, como Yudel, tinha rádio e telefone. À noite, amontoávamo-nos à volta do rádio e ouvíamos notícias dispersas. A casa era térrea, mas tinha um jardim verde e abundante, e empregados. Ela dava-nos leite,

galinhas e outros produtos para cozinhar na pequena casa que a minha mãe usava durante a colheita.

De acordo com os relatos da rádio, os alemães não poupavam uma cidade sequer. As descrições eram incompletas. Um repórter estava no ar durante uns minutos, e depois corria para se abrigar enquanto os alemães bombardeavam.

As pessoas que saqueavam os pomares da minha mãe paravam e conversavam com ela, admirados com a senhora bem vestida que os olhava silenciosamente enquanto colhiam fruta das suas árvores.

As pessoas deslocavam-se de bicicleta, em motos e a pé. Circulavam até de carro, juntamente com cavalos e charretes. Entupiam a autoestrada. A minha mãe caminhava em passos delicados na direção delas. Vinham de todas as cidades perto da fronteira alemã, porque Cracóvia e Lodz localizavam-se a duzentos e quarenta quilómetros dos pomares da minha mãe. Os refugiados contavam-lhe o que acontecia e o quão perto os alemães estavam. Depois, continuavam para este.

Estávamos confusos. Sabíamos que as bombas lançadas sobre a nossa cidade e todas as outras eram numerosas. E que os edifícios estavam em chamas e as pessoas em esconderijos. Sabíamos-lo, mas não o víamos. Mesmo assim, começámos a captar o que esperar. Os refugiados diziam também à minha mãe que, quando os alemães chegavam a uma cidade, erradicavam os judeus e matavam-nos. A minha mãe apenas assentia em reconhecimento.

Quatro semanas depois de a guerra deflagrar, a 27 de setembro, ouvimos uma voz enfadonha na rádio anunciar que o exército polaco se rendera aos alemães. Por essa altura, o meu pai já se juntara a nós, mas o pomar fora despojado. Cada pedaço de fruta tinha sido arrancado dos ramos e do chão, até as partes podres. O pomar desaparecera. Não havia mais nada a fazer, só regressar. Odiámos deixar a senhora idosa. Disse-nos que a maioria dos seus familiares já tinham ido para a Roménia, e depois para Inglaterra. O que ela não referiu foi que os familiares eram ricos o suficiente para o fazerem. Nunca descobrimos o que lhe aconteceu.

Algumas pessoas da nossa cidade, com negócios numa localidade próxima, pararam no pomar e disseram-nos que a nossa casa não fora tocada. Uns minutos depois, quando partiram, a minha mãe disse-nos que regressaríamos a casa. Os seus olhos encheram-se de lágrimas. Nunca a tinha visto assim.

– Acabou tudo para nós – disse. – Este é o princípio do nosso fim. Temos de regressar e tentar continuar a viver – se conseguirmos.

Estava quase a cerrar os dentes, e eu podia vê-lo pela linha branca à volta do maxilar que tentava parecer mais equilibrada do que se sentia. O meu pai parecia cansado e pequeno.

Quando regressámos à cidade, dias depois do bombardeamento, a vida era diferente. Os russos montaram um pequeno posto de comando. Uma melancolia atacou as pessoas. As lojas tinham cadeados sujos e correntes à volta; nenhuma luz cintilava no interior.

Reparámos que muitas casas e edifícios se encontravam destruídos, não por bombas, mas por chamas que consumiam quarteirões inteiros. Madeira chamuscada, metal retorcido, e destroços do quotidiano, como tachos, panelas e bonecas, estavam espalhados por toda a parte. As bombas rebentaram com casas robustas, transformando-as em estruturas instáveis suportadas por uma ou duas vigas.

Passámos uma esquina e vislumbrámos a nossa casa. Espantosamente, estava intacta. Nem sequer uma marca de queimadura. Yudel morava a vários quarteirões. A sua casa também não havia sido tocada. Mas do outro lado da rua, nas suas traseiras, localizava-se o hospital judeu da cidade, agora um destroço fedorento. As cinzas faziam um contraste gritante com o branco das faixas, linho e rótulos de medicamentos, assentes em pilhas empapadas.

Não havia cuidados médicos. Alguns não tinham casa. Ninguém tinha comida, porque pararam as importações. Mesmo assim, os russos começaram a organizar-se. Permaneceram apenas oito dias. Acordaram com os alemães afastar-se pelo rio Bug, a cinquenta e seis quilómetros da nossa cidade. Antes de partirem, os russos mandaram um camião com um sistema de anúncio público rouco por toda a vizinhança.

– Vamos partir. Se quiserem escapar dos alemães, agora, é a vossa única oportunidade – anunciava a voz metálica e desincorporada no camião. – Têm a oportunidade de fugir dos alemães. Nós podemos salvar-vos. Teremos comboios que vos levarão para a Rússia. Se os alemães vierem, poderão morrer.

Cumpriram a palavra. Durante vários dias, registou-se um vaivém contínuo de comboios a carvão libertando fuligem cinzenta. Pararam na nossa cidade e em muitas outras perto da fronteira.

Cerca de três mil pessoas da nossa cidade aceitaram a oferta. As que partiram e as que ficaram foram amplamente divididas por gerações. As novas o suficiente para não terem muito a perder, que não possuíam casa, mobília, ou outros confortos, mas que eram adultas o bastante para encontrarem trabalho, decidiram partir.

Sara queria ir. Ouvi a minha mãe e o meu pai discutirem na cozinha se eles também deviam ir. Eram de uma geração mais velha, e lembravam-se do quão amavelmente os alemães os trataram durante a Primeira Guerra Mundial. O meu pai contou-me várias vezes uma história sobre como ele e muitos outros judeus foram levados por navios alemães para outra cidade polaca para trabalharem. O navio carregava comida e vodca. Um dos judeus esgueirou-se para um canto e, quando ninguém via, embebedou-se. Os alemães gritaram para o judeu estuporoso: «Como pudeste não incluir os teus irmãos? Como pudeste ser tão egoísta que guardaste a vodca só para ti?»

Enquanto a minha mãe e o meu pai conversavam, o meu pai relembrou a minha mãe dessa história.

– Como podem os alemães ser tão maus? Trataram-nos como irmãos durante a guerra. Além disso, temos esta casa que acabaste de restaurar. Olha para os eletrodomésticos, aquele sofá, os ladrilhos brancos, a grande mesa de madeira da cozinha e as cadeiras. Graças a Deus, os bombardeamentos não destruíram um único prato ou cadeira. Porque deixaríamos este lugar, quando temos tanto aqui?

Estremeci. Lera e ouvira demasiado para acreditar que os alemães seriam gentis com os judeus.

A minha mãe, contudo, adorava a casa. Tinha-a herdado – era uma unidade dentro de uma estrutura *four-plex* – dois anos antes. Comprara móveis novos, incluindo um sofá de madeira, algumas cadeiras, espelhos e outras peças. A minha mãe revestira todas as paredes despidas durante 1937-38. Herdara também o armazém ao lado.

O meu pai trabalhava para o Governo polaco, distribuindo cigarros de armazéns estatais por pequenas lojas. Embora esse trabalho tivesse desaparecido, tinha muitas mercadorias no armazém da minha mãe atrás do *four-plex*, onde guardava os cigarros e inúmeros outros produtos, que vendeu por atacado. Empilhados no alto do edifício estavam objetos de vidro, tachos e panelas, e couro.

Por fim, o meu pai achou que perdíamos muito se partíssemos, e a minha mãe não foi difícil de convencer. Possuíam uma casa que consertara recentemente; a família tinha boas roupas, bons móveis, uma boa vida. Além disso, o meu irmão Benny tinha apenas cinco anos, demasiado novo, pensaram os meus pais, para ser desenraizado. Para evitar os alemães, teríamos de abandonar tudo e fugir rumo a um país que nos era estranho, e não viam sentido nisso.

Yudel pensou da mesma forma, embora um filho e uma filha tenham ido nos comboios. A minha irmã Sara também queria ir. A minha mãe concordou, mas com uma condição.

– Não te vou deixar ir como solteira. Tens de te casar primeiro – disse à Sara. Fay também queria fugir, mas tinha apenas dezassete anos, apesar de ter noivo, um peleteiro chamado Hymie Firman, que ia partir para a Rússia. A minha mãe rejeitou o pedido de Fay, o que lhe pesou na consciência até ao dia em que morreu, com falta de ar, num carro de gado.

Em outubro, quando os alemães chegaram, era como se as nossas vidas antigas tivessem parado, e uma vida nova e sombria começasse. Centenas de jipes invadiram-nos, juntamente com milhares de soldados de infantaria. Não perderam tempo a expulsar os judeus das suas casas. Em três dias, vi dezenas de despejos.

Todos eles seguiam um padrão. Marchavam casa adentro, declaravam que a assumiriam, e davam aos ocupantes quinze minutos para sair. Vi homens, mulheres, crianças, em vestidos de noite, de roupa interior, ou, às vezes, sem nada.

Fugiam do escárnio cruel dos alemães, que gritavam coisas como «corram, cães judeus, corram», e outras provocações que deixavam os meus pais envergonhados caso eu as ouvisse. Os alemães tinham uma forma particular de troçar das mulheres. À medida que cada uma se afastava da sua casa, o seu corpo era tocado e agarrado por soldados que a olhavam lubricamente.

Os residentes amedrontados agarravam no que podiam. Um casaco, uma almofada, talvez tachos ou painéis. Não sabiam para onde ir. Se tivessem sorte, podiam encontrar abrigo junto de amigos ou familiares de classe mais baixa, cujas casas os alemães não confiscavam porque a localização ou a construção não lhes agradavam.

Às vezes, os soldados batiam nas pessoas, com uma cana, uma correia, tábuas, varas dos armários, o que estivesse à mão.

Todos os dias havia mais despejos, à medida que os veículos militares verdes e feios e as bandeiras com suásticas revestiam a cidade. No despejo mais desprezível a que assisti, os soldados atiraram para a rua uma cama com um homem idoso paralisado, soluçando de medo. Os filhos agarraram de imediato na cama e levaram-no. Trouxeram-no até à nossa zona, onde foi acolhido por amigos.

Um dos homens que viviam na nossa cidade era talvez o mais rico da Polónia. Comercializava peles e tinha um palácio perto da nossa casa. Ele,

sabidamente, fugira. Os alemães mudaram-se para o edifício com tanques, camiões e artilharia, e transformaram-no no seu quartel-general. Perto do fim de 1942, levavam as pessoas para o pátio e fuzilavam-nas.

Não estávamos preocupados com os despejos. Os alemães queriam ocupar as casas dos ricos: médicos e advogados, sítios com boa mobília. Queriam casas que tivessem carros e localizadas nas ruas principais, perto de restaurantes, hotéis, dos bombeiros e da câmara municipal. A cidade tinha também um grande mercado ao ar livre, onde os alemães parqueavam munições e camiões.

O lugar onde vivia era diferente. As ruas eram pequenas, estreitas, e feitas de calçada. Os carros e os camiões teriam dificuldade em ser manobrados. Além do mais, a nossa casa não era chique o suficiente para chamar a atenção dos alemães.

Entretanto, era claro que, se a Sara queria partir em breve, o casamento com Gerald Isenberg teria de ser organizado. Os meus pais reuniram um *minian*, um grupo de dez homens, na nossa sala de estar. A minha mãe sempre foi uma excelente padeira. Além disso, todos os anos fazia vinho de alguns frutos do pomar. Como resultado, tínhamos alguns pães *challah*, um pão judaico saboroso, bem como com vinho de maçã, morangos, cerejas, para a celebração matrimonial.

Ainda assim, reinava a tristeza. O som do noivo a partir o tradicional copo de vinho soou-me a ossos a quebrar-se.

Três dias depois, levei Sara e o marido até à margem do rio no cavalo e na charrete do meu pai. O meu pai pagara a alguém para passar o casal para o outro lado do rio Bug, até à Rússia, de barco.

No caminho, eu e a minha irmã conversámos. Ambos sentíamos que a vida da família se agravaria, rapidamente.

– Sabe Deus o que acontecerá ao nosso povo – disse-me a Sara.

Quando chegámos à margem do rio, dei um grande abraço à Sara e um beijo na face. À medida que ela e o marido eram levados até ao outro lado do rio, quase chorei. Pensei se voltaria a vê-la.

Oh, Deus, quero ir com ela, pensei. Quero ir, mas quem me dera ser mais velho. Tenho apenas catorze anos. Quem me daria trabalho? Quem me manteria a salvo?

Não havia resposta, claro. Por isso, cacarejei para o cavalo, que se virou e me levou para casa.

Em breve, a falta de comida começou a atormentar os estômagos. Das vinte padarias na cidade, apenas uma tinha permissão para abrir. Milhares

de pessoas fizeram filas à uma da manhã, quando a padaria só abria às seis. Felizmente, o meu irmão Hymie e eu éramos baixos, e ultrapassámos várias pessoas quando não estavam a olhar. Passadas cinco ou seis horas, chegámos à frente da fila, e recebemos uma fatia de pão cada um. Levámos os prémios para casa debaixo dos casacos, para ninguém os roubar. O nosso pai cortou cada fatia em pequenos pedaços, para que pudéssemos todos viver mais um dia.

Às vezes chegávamos à janela onde distribuía o pão, e o padeiro dizia: «Peço desculpa. Não temos mais.» E chorávamos por dentro.

Durante seis meses, complementámos esta dieta escassa graças às mercadorias que o meu pai guardara no armazém da minha mãe. Os agricultores iam à cidade permutar comida por bens.

Os agricultores tinham pouco para trocar porque os alemães confiscavam-lhes os produtos. Trocávamos roupa por comida. A minha mãe também possuía peças de ouro, joias, roupas elegantes, casacos de peles.

O meu pai trocava cigarros, caixas de sabão, tachos e panelas, velas, objetos de vidro. Tinha também motocultores para os tratores. Recebiam sobretudo batatas e farinha para a minha mãe fazer pão, assim como dólares americanos. A moeda polaca não valia nada. Sabíamos que, em breve, os agricultores deixariam de vir e que o armazém ficaria vazio.

Eu queria ver as joias da minha mãe, para perceber o que acontecia ao seu baú de tesouros. No entanto, essa visão era-me proibida, e eu nunca pensaria em desobedecer aos meus pais.

Não obstante os sinais alarmantes, havia duas razões para ficarmos esperançosos. Uma, era a memória dos meus pais e de outros da sua geração – os alemães tinham sido bons para nós na última guerra. A outra, era o meu primo Hymie Kronhartz, o artista talentoso com o seu estúdio, onde criava pinturas a óleo e tirava fotografias. Vivia na parte rica da cidade. Enquanto toda a gente tinha sido despejada, deixaram-no ficar.

Quando os generais, os coronéis e os capitães alemães se mudaram para casas confiscadas, eram vizinhos de Hymie. Deram-lhe uma braçadeira verde com uma pequena estrela judaica no meio, e um passaporte especial. Apenas um judeu em cada cidade tinha estes privilégios especiais, e ele era o da nossa.

Os alemães concederam-lhe tais indulgências porque queriam que Hymie fizesse retratos lisonjeiros deles. A Gestapo e os SS queriam as suas imagens impetuosas e orgulhosas, para que pudessem enviar as

fotografias e pinturas para familiares e amigos na Alemanha. Hymie podia fazê-los parecer como desejassem.

Não tínhamos autorização para ir a casa de Hymie – ficava na parte alemã da cidade. Ele, no entanto, podia deslocar-se aonde quisesse, e visitava frequentemente Yudel, que por sua vez nos dizia que Hymie estava bem, assim como os seus três filhos, irmão, e mulher, que viviam todos com ele. Ouvimos também notícias sobre ele vindas de outras pessoas. Hymie era um homem conhecido, e as pessoas reparavam nele.

Quando ouvi que Hymie estava bem, fiquei feliz. O facto de ter privilégios não mudava as nossas condições de vida nem um pouco, mas sabê-lo animava-nos.

Pelo menos há alguma luz, pensei. Talvez isto queira dizer que vão deixar alguns de nós sobreviver.

Os meus pais diziam a mesma coisa repetidamente. Continuávamos sem conseguir imaginar o que os alemães nos iam fazer. Como se vê, a nossa ignorância deu-nos alguma paz, que nunca teríamos se soubéssemos a verdade do que se avizinhava.